

[257] **O romance e o seu simbolismo.** — A *Demanda* inicia-se pela descrição da festa de Pentecostes na corte do rei Artur, em Camaalot. Preparavam-se para pôr as mesas, quando chegou uma donzela, que buscava Lançarote do Lago e lhe pediu que a acompanhasse à floresta. Partiram os dois e chegaram a uma abadia. A abadessa apresenta ao famoso paladino o seu filho Galaaz, havido de uma filha do rei Peles, e pede-lhe que o arme valeiro. Lançarote acede, e não pode reter as lágrimas, ver a humildade daquela cerimónia.

Regressa à corte. Depois da missa, os cavaleiros dirigem-se para a Távola Redonda. Eram horas de comer; mas, em tão grande festa, era hábito antigo da corte não se sentarem à mesa sem que se passasse algum facto extraordinário. Assim o fez entender ao rei o seu mordomo Queia.

Neste momento um escudeiro apresenta-se a el-rei e diz-lhe uma grande nova: ali no rio acabava de aparecer uma pedra de mármore, onde estava enterrada uma espada; no ar andava suspensa a bainha. Correram todos para lá. Artur descobre aos seus homens o significado daquela maravilha: quem conseguisse arrancar a espada seria o melhor cavaleiro do mundo. E convida Lançarote a experimentar, o qual recusa, por modéstia. [258] Segue-se Galvão, sobrinho do rei, que a não pode tirar. Dos outros, nenhum sequer ousa tentar o gesto.

Vão jantar: das 150 cadeiras só duas não tinham dono, a de Tristão e a *seeda perigosa*, que devia conhecer, naquele mesmo dia, o seu senhor, após 453 anos depois da morte de Jesus Cristo. Precisamente neste momento fecharam-se como por encanto todas as portas e janelas do paço, e um raio de sol estendeu-se por toda a casa. Todos emudeceram, e Galaaz, formoso e simples, entrou na sala não se soube por onde, saudou os presentes e ocupou o assento. O ermitão, que o acompanhava, anunciou a Artur que era aquele o cavaleiro desejado, que haveria de «dar cima» às maravilhas do reino de Logres. Todos se alegraram com a vinda de Galaaz. Artur, depois de comer, leva-o ao rio, onde estava a espada encantada. Galaaz puxou por ela e tirou-a tão sem custo «como se o não tivesse em ren».

Seguiu-se o *trebelho*, o torneio dos cavaleiros no campo de Camaalot. Galaaz «britava» lanças, que era maravilha de ver. Ainda não estava acabado o *trebelho*, quando viram chegar Tristão «tam toste, como se tôdolos diabos do inferno viessem depós ele». A beldade de Iseu por pouco o não impedira de assistir à festa. Estava pois completo o número dos cavaleiros.

Anoiteceu. Sentaram-se de novo à mesa. E então foi-lhes revelada a graça do Graal. O santo vaso entrou no paço sem portador, e, por onde passava, fornecia ao conviva o mais precioso manjar que ele tivesse na imaginação.

O autor traduz com habilidade a atmosfera de divino, terror e de mistério em que se deu essa aparição:

«Contra a noite, depois de vésperas, quando se assentaram aas mesas, ouvirom viir u torvam tam grande e tam spantoso, [259] que lhes semelhou que todo o paaço caía. E logo depois que o torvam deu, entrou a tam grande claridade, que fez o paaço dous tanto mais claro ca era ante. E quantos no paaço siam, logo todos foram compridos da graça do Spíritu Santo. E começaram-s' a catar u s aos outros e virom-se mui mais fremosos mui gram peça que soíam a seer, e maravilharom-se ende muito desto que aveo, e nom houve i tal que podesse falar por a gram peça, ante siam calados e catavam-se u s aos outros. E eles assi seendo, entrou no paaço o Santo Graal, cuberto de u eixâmete branco, mas nom houve i tal que visse quem no tragia. E, tanto que entrou i, foi o paaço todo comprido de boo odor, como se tôdalas spécias do mundo i fossem; e ele foi per meo do paaço de ùa parte e da outra darredor das mesas e, per u passava, logo tôdalas mesas eram compridas de tal manjar qual em seu coração desejava cada u . E depois houve cada u o que houve mester a seu prazer.

Saiu-se o Santo Graal do paaço que nen u nom soube que fora dele nem per qual porta saíra. E os que ante nom podiam falar falarom entam e derom graças a Nosso Senhor, que lhes fazia tam grande honra e que os assi confortara e avondara da graça do Santo Vaso».— *Demanda do Santo Graal*, cap. 25.

Mas o Graal aparecera-lhes coberto; não viram pois os cavaleiros o seu conteúdo maravilhoso. Galvão sentiu-o e disse ao rei que partiria no dia seguinte e que andaria um ano e um dia em busca do vaso miraculoso, até que aprofundasse os seus mistérios. Os outros cavaleiros, finda a ceia, prometeram o mesmo, e o rei ficou desolado e irado contra Galvão por ter sido o causador daquele voto, que o deixaria só, sem os seus queridos companheiros. As donas e donzelas, ouvindo tal, começaram a fazer grande pranto. A mais consternada era ainda a rainha Genebra, que via partir, talvez para nunca mais, o seu fiel amigo Lançarote.

Ao outro dia, de manhã, depois de ouvirem missa e de fazerem o juramento da Demanda, foram-se. Galvão, que el-rei proibiria de ir, já tinha partido. Artur acompanhou-os um bocado. Chegados a um cruzeiro, à entrada [259] da floresta, o rei abraçou-os e, chorando «mui de coração», despediram-se dele. Chegaram, ainda juntos, ao castelo de Negan. Daqui, foi cada qual seu caminho. E começou então a série infundável de aventuras de cada um dos cavaleiros.

Grande parte da narrativa gira em volta da Besta Ladrador. Era um animal horrendo, que tinha pés de veado, coxas e cauda de leão, corpo de leopardo e cabeça de serpente; quando corria, sentia-se dentro dela o latido infernal de uma matilha de cães. Este monstro, que é como a figuração do demónio, era perseguido pelo cavaleiro pagão Palamades, que tomou à sua conta o exterminá-lo.

Vemos pois que a ideia central do romance continua a ser o mistério da eucaristia, alimento espiritual e prelibação da vida eterna; e a *Demanda* é, em última análise, a sede infinita das almas à procura de Deus, do sumo Bem.

Não está assente onde se teria originado o culto do Graal, simbolizado ora por um vaso, como na nossa novela, ou por uma pedra preciosa, como no poema de Wolfram d'Eschenbach. Supõem alguns, entre eles Burdach, que os primeiros esboços do Graal nasceriam em Jerusalém, entre o círculo de peregrinos cristãos, nos séculos v e VI, ao contacto de lendas persas e arábicas. De Jerusalém a fábula passaria para Constantinopla e, depois da primeira cruzada, para a Europa, onde na Provença ou na Bretanha, teria tomado a forma definitiva. Outros, como Jean Marx, acentuam a origem e o carácter céltico da lenda. Grande número de contos galeses e irlandeses têm por objectivo a conquista de objectos maravilhosos do outro Mundo. Entre esses objectos figuravam taças e vasos mágicos, que alimentavam as pessoas sem jamais se esvaziarem. O certo é que coube a Chrétien de Troyes [261] o mérito de fazer de uma história fabulosa como era o Graal um conto animado e cavalheiresco. Mas — sublinha Jean Marx — apesar desse molde francês, essas narrativas «trazem o eco e a sobrevivência dum conjunto de mitos, representações e tradições de evidente origem céltica».

A remodelação de Roberto de Boron procurou pôr ordem e sentido cristão nesse acervo de lendas, como dissemos; depois, certas correntes místicas então vigentes na Europa, ainda acentuaram mais o simbolismo religioso. Toda a obra agora se revela como um livro de propaganda da ascese cristã, uma reacção contra o mundanismo excessivo e adúltero do amor cortês.

São 150 os cavaleiros que, através de fadigas sem nome e provações sem conto, se lançam em demanda do Santo Vaso. Poucos porém são dignos de atingir o desejado alvo. Só os de coração e carne limpa o podem alcançar. Dizia o ermita Nacian a Galvão «que os sinais do Santo Graal nom pareciam ao pecador nem a homem que é envolto nos sabores do mundo». São três os cavaleiros eleitos de Deus, aos quais seria dado assistirem aos mistérios do Graal: Boors de Gaunes, Perceval e Galaaz.

O primeiro é o tipo do homem que pecou, mas se reabilita pela dureza voluntária do próprio esforço. Depois do seu pecado de luxúria, a vida de Boors é tão exemplar e tão penitente que os próprios religiosos se espantam da severidade da sua abstinência. Em cinco anos de provações, apenas três vezes dormiu no leito. As suas virtudes supremas são dum verdadeiro cristão: a paciência e a humildade. Com ele se passa um dos episódios mais característicos da *Demanda*.

Boors, um dia, achou-se em presença de duas aventuras, que reclamavam intervenção urgente: por um [262] cami|nho ia seu irmão Lionel, em poder de dois cavaleiros, desarmado e barbaramente ferido; por outro viu uma donzela chorando, raptada por um cavaleiro, que a furtara de casa de seus pais. Ambos os desgraçados lhe pediam socorro.

Boors teve um momento de hesitação. Qual dos dois socorrer primeiro? Lembrado porém de que tinha jurado a Deus e aos da Távola Redonda que jamais deixaria de emprestar o seu braço à donzela necessitada de protecção, decidiu rezar por seu irmão e correr em ajuda da donzela. É um desfecho perfeitamente cavalheiresco.

Resolvido airoosamente o caso da donzela, Boors parte em socorro de Lionel, que, furioso, desafogava a sua ira contra o irmão, junto de um monge branco. Encontram-se enfim os dois. Boors, vendo a ira do irmão mais velho, pede-lhe humildemente perdão. Inútil: Lionel, possesso de raiva, mete o cavalo por cima dele e espezinha-o. Quer cortar-lhe a cabeça; um monge lança-se sobre Boors para o defender. Lionel parte-o cem a sua espada até aos dentes. Sobrevém um cavaleiro, Calogrenac, em ajuda de Boors. Trava-se batalha entre eles, Lionel mata Calogrenac; da terra que o seu sangue regou nasceram depois flores.

Boors, um pouco refeito, sustém luta contra o irmão, e, quando vai para defender-se, atacando, ouve uma voz divina: — «Nom no feiras, ca o matarás!» Desce uma chama de fogo entre os dois, e aquele horrível combate cessa por intervenção de Deus. Boors vai então em direcção ao mar, onde Perceval o espera (caps. 176-180).

É dos episódios mais bem trabalhados do romance; impressionante o contraste entre a humildade quase incrível de Boors e a fúria embravecida de Lionel, sedento de vingança. A esta aventura anda ligada uma história curiosa, O escritor inglês Lafcadio Hearn conta num seu [263] livro sobre o Japão que os seus alunos japoneses lhe pediram um dia que lhes narrasse uma história cuja moralidade fosse caracteristicamente ocidental. Escolheu justamente este episódio, em que Boors, entre dois perigos, seu irmão que ia cativo, e a donzela que ia ser desonrada, preferiu acudir à donzela. A história escandalizou o sentimento moral dos japoneses, para os quais o grupo social e a família são tudo e o indivíduo muito pouco. Não compreenderam que se deixasse um irmão para acudir a uma mulher desconhecida.

Perceval, esse, representa no romance a simplicidade, a candura um pouco infantil, que nem sempre sabe guardar-se contra as tentações do demónio; mas põe, apesar de tudo, o seu coração inabalavelmente em Deus.

Galaaz, enfim, é o perfeito cavaleiro de Deus. A sua castidade é absoluta; o seu braço um símbolo da justiça divina. Apesar desta rigidez moral, o tipo de Galaaz é, na versão portuguesa da *Demanda* razoavelmente humano. Uma vez, Queia, o mordomo de Artur, perseguia um cavaleiro. Este, avistando Boors e Galaaz, pediu-lhes socorro; eles, na impossibilidade moral de atacarem um companheiro, pediram-lhe que o deixasse. Queia não quis saber de rogos, e ali mesmo o matou perante Galaaz, que ficou tão sentido do feio acto, que, se não fosse Boors, «o cavaleiro fora logo vingado, sem falha».

Mas a sua profunda humanidade luz sobretudo no episódio de Castel Brut. Galaaz e Boors chegaram de noite ao castelo do rei Brutos. A filha deste, uma donzela de quinze anos, enamora-se perdidamente por Galaaz; e, na cegueira da sua paixão, chega a insinuar-se de noite no seu leito. O cavaleiro sem mácula resiste; mas, quando a princesa se vai matar, para não sobreviver à sua vergonha, com a própria espada de Galaaz, este, num profundo grito de piedade, dispõe-se a ceder, com prejuízo [264] da sua alma. É talvez a página mais bela de

todo o romance este pequenino *intermezzo* de amor.

**Texto 78** A DEMANDA DO SANTO GRAAL.

1 PERSONAGENS<sup>1</sup> (símbolo da comunhão)

1.1 Galaaz (De *Galaad*, “puro dos puros”)

Filho de Lancelote, anunciado pelos profetas, era “o cavaleiro por quem seriam acabadas as aventuras do reino de Logres”(DSG, III, 36). Segundo Galvão, “Deus no-lo enviou por nos livrar a terra das grandes maravilhas e das estranhas aventuras [...]”(DSG, III, 37). Distingue-se nas batalhas: “E Galaaz, que entrou no campo, começou as lanças a quebrar e a derrubar cavaleiros, e a fazer tantas maravilhas, que todos diziam que nunca viram tão bom cavaleiro de justa” (DSG, III, 39). Artur considera-o “mestre dos cavaleiros da mesa redonda”(DSG, VI, 50); Melias nos mostra as implicações messiânicas inerentes a Galaaz: “[...] vos escolheu Nosso Senhor sobre todos os cavaleiros[...]. E por isso se deve ensinar a vossa vinda como a de Jesus Cristo, quanto à semelhança, mas não em grandeza”(DSG, LX, 66). De todos os cavaleiros que saem em busca do Graal, apenas Galaaz e Perceval (virgens), e Boorz de Gaunes (casto) conseguem a graça de ver o santo Vaso. Galaaz vive sob o regime da penitência:

*Não é ele cavaleiro dos cavaleiros andantes, que dizem que são namorados, mas é daqueles que cuja vida e alegria está sempre em penitência, pela qual lhes advém um grande bem para o outro mundo [...] E como quer que este cavaleiro seja sempre alegre para parecer, grande é o sofrimento de sua carne [...]*<sup>2</sup>

Para Massaud Moisés, trata-se de um novo Cristo”<sup>3</sup>.

1.2 Artur<sup>4</sup> (filho de Uter Pandragão e Ygerne)

Artur era “um famoso chefe guerreiro das Ilhas Britânicas, *dux bellorum* dos bretões, que entre os séculos VI e VII ficou célebre em perigosas batalhas contra os inimigos saxões”.<sup>5</sup>

1.3 Lancelote

Lancelote tem uma revelação parcial.

1.4 Boorz de Gaunes

É primo de Lancelote.

1.5 Perceval — versão de Chrétien de Troyes

O narrador detém-se na descrição desse personagem, cuja beleza física é realçada:

*[Perceval] é realmente um belo homem! Sob os cabelos louros ondulados, tem olhos azuis-claros, supercílios castanhos e arqueados. O nariz é reto, o queixo mostra um covinha; na frente, a marca de uma cicatriz que lhe fica bem. Flancos esguios, espáduas sem defeito, braços longos e grossos, bem providos de nervos e ossos.*<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Tristão, Galvão, Lancelote, Boorz de Gaunes, Perceval, Heitor, etc.

<sup>2</sup> DSG, XV, 100.

<sup>3</sup> MOISÉS, Massaud, *A Literatura Portuguesa*, p. 34.

<sup>4</sup> DSG, 5.

<sup>5</sup> Mongelli, *A Demanda do Santo Graal*, p. 57.

<sup>6</sup> TROYES, Chrétien de, *Perceval*, p. 221.

Alguns dados do enredo: Perceval ama Brancaflor, com quem acaba por se casar. Observe-se como o narrador revela um dos encontros do casal: “Brancaflor deixa cair o manto: Perceval toma-a nos braços para a deitar a seu lado. Ele a estreita e acaricia. Ambos estão contentes de se abraçar e de se beijar ternamente [...]”.<sup>7</sup>

Já casado, Perceval sucede a seu tio, o Rei Pescador, Mordrain, senhor e guardião do Graal, tendo remado sete anos. Morta Brancaflor, Perceval resignou sua terra para o Rei Marone e se retirou para um mosteiro, para onde levou o Graal, a Lança e a Salva.

Morto, Perceval deixou “a terra sem sofrimento e foi posto no céu à direita do Salvador. O Graal, a Lança e a Salva foram levados para o céu com ele...”<sup>8</sup>

#### 1.6 Erec

Filho do rei Lac, foi morto por Galvão.

### 3 ENREDO

Em torno da “távola redonda”, em Camaalot, reino do Rei Artur, reúnem-se dezenas de cavaleiros. É véspera de Pentecostes. Chega uma donzela à Corte e procura por Lancelote do Lago. Saem ambos e vão a uma igreja, onde Lancelote arma Galaaz cavaleiro e regressa com Boorz a Camaalot. Um escudeiro anuncia o encontro de maravilhosa espada fincada numa pedra de mármore boiando n’água. Lancelote e outros tentam arrancá-la inutilmente. Nisto Galaaz chega sem se fazer anunciar e ocupa a *seeda perigosa* (= cadeira perigosa) que estava reservada para o cavaleiro “escolhido”: das 150 cadeiras, apenas faltava preencher uma, destinada a Tristão. Galaaz vai ao rio e arranca a espada do *pedrão*. A seguir, entregam-se ao torneio. Surge Tristão para ocupar o último assento vazio. Em meio ao repasto, os cavaleiros são alvoroçados e extasiados com a aérea aparição do Graal (= cálice), cuja luminosidade sobrenatural os transfigura e alimenta, posto que dure só um breve momento. Galvão sugere que todos saiam à demanda (= à procura) do Santo Graal. No dia seguinte, após ouvirem missa, partem todos, cada qual por seu lado. Daí para frente, a narrativa se entrelaça, se emaranha, a fim de acompanhar as desencontradas aventuras dos cavaleiros do Rei Artur, até que, ao cabo, por perecimento ou exaustão, ficam reduzidos a um pequeno número. E Galaaz, em Sarras, na plenitude do ofício religioso, tem o privilégio exclusivo de receber a presença do Santo Vaso, símbolo da Eucaristia, e, portanto, da consagração de uma vida inteira dedicada ao culto das virtudes morais, espirituais e físicas. A novela continua por algumas páginas, com narrativa do adúltero caso amoroso de Lancelote, pai de Galaaz, e de D. Ginebra, esposa do Rei Artur.

### 4 O CONCEITO DE HERÓI

Mikhail Bakhtin, ao estudar as formas de tempo e de cronotopo no romance, estuda as relações existentes entre o herói dos *romances* de cavalaria e o mundo, afirmando:

*Enfim, o herói e o mundo maravilhoso onde ele atua constituem um bloco, não havendo fendas entre eles. É bem verdade que esse mundo não é a pá fria nacional, por toda parte ele é uniformemente estrangeiro [...] Seu mundo é sempre uno e sempre preenchida por uma mesma fama [...]; o herói pode glorificar a si e aos outros por todo esse mundo...<sup>9</sup>*

A categoria do maravilhoso é utilizada pelo teórico russo para definir o estatuto do herói, que é tão maravilhoso quanto o mundo que ele habita. Assim, o herói

<sup>7</sup> TROYES, Chrétien de, *Perceval*, p. 221.

<sup>8</sup> TROYES, Chrétien de, *Perceval*, p. 246.

<sup>9</sup> BAKHTIN, Mikhail, *Questões de Literatura e Estética*, p. 178.

*lança-se às aventuras como se estivesse em seu elemento natural, para ele o mundo existe apenas sob o signo do maravilhoso [...] Nos romances de cavalaria, 'de repente' como que se normaliza, toma-se algo absolutamente decisivo, quase normal. O mundo inteiro se torna maravilhoso e o próprio maravilhoso se torna habitual (sem deixar de ser maravilhoso)*<sup>10</sup>

A Prof.<sup>a</sup> Jerusa P. Ferreira aponta a presença do conto de fadas nas novelas de cavalaria: “Esta literatura traz para si, ajustando-o, o universo múltiplo dos contos de fadas, a tradição da cultura popular, os caracteres opostos e bem nítidos de bem e de mal, e personagens que os prototipam”.<sup>11</sup>

Veja-se um exemplo: “Quando Leonel o feriu, no lugar do sangue que tinha de sair pela ferida que era muito grande, saiu leite tão branco como a neve [...]” (DSG, XXIV, 153)

## 5 O SENTIDO DE ASCESE (Eucaristia)

*[..] nenhum cavaleiro desta demanda leve consigo mulher nem donzela, senão fará pecado mortal. [...] porque em tão alto serviço de Deus como este, não deve entrar se não for bem comungado e limpo e purificado de todos os danos e de pecado mortal; porque esta demanda não é de tais obras, antes é demanda dos segredos e das coisas escondidas de Nosso Senhor[...] (DSG, VI, 47).*

No trecho acima, fica explícito um ideal de ascese a conduzir os personagens da *Demanda*. Nesse sentido, a novela tem traços de novela mística:

*A Demanda, cristianizando a lenda pagã do Santo Graal, colabora com o processo restaurador da Cavalaria andante: caracteriza-se por ser uma novela mística, em que se contém uma especial noção de herói antifeudal, qualificado por seu estoicismo inquebrantável e sua total ânsia da perfeição*<sup>12</sup>

## 6 DEMANDA PORTUGUESA (Ciclo *Post-Vulgata*)

Cópia do tempo de D. Duarte, o manuscrito — códice 2594 da Biblioteca da Biblioteca de Viena — apresenta 199 fólios escritos em letra gótica. A edição de Magne apresenta-a em 88 capítulos e 705 seqüências. Segundo Saraiva & Lopes,

*A Demanda portuguesa é cópia de um original do último quartel do século XIII, traduzido do francês para português por Frei João Vivas [...]. O interesse da tradução portuguesa está em que ela nos oferece o mais antigo texto português em prosa literária, embora não original. A ordenação geral, a sucessão dos episódios, o processo de narrar*

<sup>10</sup> BAKHTIN, Mikhail, *Questões de Literatura e Estética*, p. 269.

<sup>11</sup> FERREIRA, Jerusa Pires, *Os Sermonários do Diabo ou as novelas de cavalaria*, p. 79.

<sup>12</sup> MOISÉS, Massaud, *A Literatura Portuguesa*, p. 35. Cf. : TODOROV, Tzvetan. *A Demanda da Narrativa*. In: *As Estruturas Narrativas*. Tradução por Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 188-9: “Mas se a narrativa remete aos valores terrestres, e mesmo francamente ao pecado, e ao demônio (por essa razão *A Demanda do Graal* procura constantemente combatê-la), chegamos a um resultado surpreendente: a cadeia de equivalências semânticas que tinha partido de Deus, chegou, pelo torniquete da narrativa, a seu contrário, o Demônio. Não procuremos nisso, entretanto, qualquer perfídia da parte do narrador: não é Deus que é ambíguo e polivalente nesse mundo, é a narrativa. Quiseram servir-se da narrativa terrestre com fins celestes e a contradição permaneceu no interior do texto. Ela aí não estaria se se louvasse Deus por hinos ou sermões, nem se a narrativa tratasse das proezas cavaleirescas habituais. [...] Por esse fato, a narrativa aparece como o tema fundamental da *Demanda do Graal* (como o é de toda narrativa, mas sempre de forma diferente). Em definitivo, a procura do Graal é não só a procura de um código e de um sentido, mas também a de uma narrativa.”

*são qualidades do autor, e não do tradutor[...]*<sup>13</sup>

## 8 DSG vs a moral cortês (cantares d'amigo)

A principal oposição entre a ética cristã da Demanda e a moral cortês está no conceito de amor, sendo este considerado pecaminoso naquela.

## 9 O SIMBOLISMO

Graal<sup>14</sup> — esperança e irrupção do divino no âmago humano é o principal símbolo da novela:

*O romance tem um arcaboço simbólico muito bem concatenado que exprime alegoricamente uma doutrina moral e religiosa, relacionada talvez com a heresia dos Espirituais, que anunciavam o advento de uma nova Igreja, a do Espírito (Santo).*<sup>15</sup>

O Prof. Massaud Moisés comenta:

*A lenda, até então pagã, é cristianizada, passando os seus símbolos (o Vaso, a Espada e outros) a ter valor místico. E em lugar de aventuras muitas vezes carregadas de realismo, a ascese passa a dominar, como processo de experimentação das forças físicas e espirituais no sentido da Eucaristia. A Demanda torna-se, pois, uma novela de cavalaria mística e simbólica.*<sup>16</sup>

## 10 DISCURSO IDEALIZADO

Segundo Bakhtin, o romance de cavalaria — discurso idealizado — fornece “um discurso para toas as situações e fatos possíveis da vida, opondo-se por toda parte a palavra vulgar com as suas opções grosseiras.”<sup>17</sup>

## 11 BIBLIOGRAFIA

- A DEMANDA do Santo Graal; texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992. 538p.
- MACHLINE, Vera Cecília, FRANÇA, Lilian, FERREIRA, Jerusa Pires. *Forma e Ciência*. São Paulo: EDUC, 1995. 99p.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. 387p.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. A Demanda do Santo Graal. In: MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros, MALEVAl, Maria do Amparo Tavares, VIEIRA, Yara Frateschi. *A Literatura Portuguesa em perspectiva: Trovadorismo/Humanismo*. São Paulo: Atlas, 1992. v. 1, p. 55-78.
- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 15. ed. Porto: Porto, 1989. 1263p.

**Texto 79** MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. A Demanda do Santo Graal. In: *A Literatura Portuguesa em perspectiva: Trovadorismo/Humanismo*. São Paulo: Atlas, 1992. v. 1, p. 55-78.

<sup>13</sup> SARAIVA, A. J. , LOPES, Oscar, *História da Literatura Portuguesa*, p. 93.

<sup>14</sup> TROYES, Chrétien de, *Perceval*, p. 66: “Ao entrar na sala, tão grande luz emanou desse Graal que as velas perderam a claridade, como estrelas quando desponta sol ou lua.”

<sup>15</sup> SARAIVA, A. J. , LOPES, Oscar, *História da Literatura Portuguesa*, p. 93.

<sup>16</sup> MOISÉS, Massaud, *Demanda do Santo Graal*, p. 251.

<sup>17</sup> BAKHTIN, Mikhail, *Questões de Literatura e Estética*, p. 269.

[...]

A *Demanda do Santo Graal* portuguesa não escapou, durante muito tempo, à sanha dos pesquisadores. E digamos que a obra oferece fartos argumentos a querelas, ramo que é de uma árvore cujas raízes começaram a se firmar no século VIII, se tomarmos por base a palavra escrita, ou no VI, se dermos ouvidos às lendas que durante séculos sustentaram a faustosa grandeza do Rei Artur. O primeiro ponto a tratar é que a *Demanda* portuguesa — cujo único original que nos restou é o códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena<sup>18</sup> — foi traduzida de outro original possivelmente francês, hoje desaparecido, mas que Rodrigues Lapa situa “o mais tardar no último quartel do século XIII.”<sup>19</sup> Estima-se que a tradução foi feita entre 1400-1438,<sup>20</sup> durante o reinado de D. Duarte, época em que aparece também a versão castelhana do mesmo texto.

[...]

Inserida no coração dessas forças antagônicas que procuramos historiar e que vieram a se intensificar desde a Alta Idade Média, *A demanda do santo graal*, como é voz corrente, “acabou por ser o retrato definido da Idade Média mística, e o maior monumento literário que a época nos legou no campo da ficção.”<sup>21</sup> Mesmos que lhe possam ser feitas algumas restrições — o fato de ser tradução e adaptação de original desaparecido; a ausência da história de Lancelot, a criar certas interrogações e incoerências; o “apêndice” representado pela *Morte do rei Artur*; as interferências do tradutor, que parece ter omitido passagens, etc. — elas não comprometem a coesão do conjunto, admirável painel das batalhas físicas e morais que o Homem trava em sua curta passagem pelo mundo.

Não custa lembrar que se escolheu, como fôrma literária mais adequada para organizar a trama, e segundo os modelos de então, uma *novela*, em que a multiplicidade de células dramáticas, inter-relacionando ação/tempo/espaço no mesmo andamento acelerado, permite estruturar os capítulos em “contos com significado próprio. Se tal polivalência, distribuída de maneira inequivocamente sucessiva, facilita tantas das inverossimilhanças que recheiam o texto, ela permite, *também*, aqueles vãos da fantasia essenciais à matéria ficcional, largos o suficiente para acolher e ampliar fontes de inspiração não raro díspares. Talvez a densidade simbólica da *Demanda* perdesse altura se deixasse de ser uma novela, onde a realidade histórica comparece mistificada à exaustão, com objetivos que transcendem os limites do enunciado.”<sup>22</sup>

Em síntese, o enredo trata do seguinte: reunidos para festejar o Pentecostes — data cristã que celebra a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos — estão o Rei Artur e seus 150 cavaleiros à volta da Távola Redonda, à espera de algum acontecimento extraordinário:

Mas como quer que as a venturas soíam aviir aas festas grandes, em esta eu sei bem que o dia de hoje nom falezerám, ante[a]verrá[m] i as mais grandes e as mais maravilhosas que nunca i [a] veerom ca devia meu coração esto.<sup>23</sup>

A lhe dar razão logo chega uma donzela à procura de D. Lancelote do Lago. Ele deve acompanhá-la até uma floresta próxima, onde será armado cavaleiro seu filho bastardo Galaaz, aquele que é “esperado” por todo o de Logres. Quando voltam para Camaalot, a

<sup>18</sup> MAGNE, Augusto. Pref. à *A demanda do santo graal*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1955. v. 1.

<sup>19</sup> LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 8. ed. Coimbra, Coimbra, 1973. p. 235.

<sup>20</sup> MALKIEL, Maria Rosa Lida de. Arthurian literature in Spain and Portugal. *Arthurian Literature in the Middle Ages*. Ed. Roger Sherman Loomis. Oxford, Clarendon Press, 1974. p. 409.

<sup>21</sup> MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. p. 29.

<sup>22</sup> Consultar, a respeito da *novela*, MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1978. p. 55-88. Informações preciosas são oferecidas pelos parágrafos que iniciam o item 3, “Conceito e Estrutura”.

<sup>23</sup> DSG, v. 1, p. 11.

entrada de Galaaz no “paaço” faz-se em meio a intenso raio de sol e com todas as portas e janelas fechadas, ao mesmo tempo que ocorrem várias “maravilhas”: morre um pecador repentinamente queimado por estranho fogo; aporta no reino um “padram” com uma espada fincada e uma bainha suspensa no ar, a qual só é retirada por Galaaz, embora todos os companheiros o tentem; é também ele quem ocupa a “seeda perigosa”, 13º lugar vago à mesa, destinado ao “eleito”; há, ainda, uma segunda espada, que nas mãos de Galaaz fica tinta de sangue, anunciando negros presságios. E para coroar o rol de sortilégios, chega ao castelo o Sai Graal, cheio de odores e luzes de matiz celestial, satisfazendo a todos de iguarias especiais, ao gosto de cada um, e enchendo-o da graça do Santo. A sua saída, os cavaleiros sentem-se impulsionados a trazer de volta Graal a Logres, pelo que juram a “demanda”, na voz de Galvam:

quanto em mim é, prometo ora a Deus e a toda cavalaria, que, de manhã, se me Deus quiser atender, entrarei na demanda do Santo Graal, assi que a manterrei u ano e u dia, e, pola ventura, mais: e [a] inda mais digo: que jamais nom tornarei aa corte, por cousa que avenha, [ataa que] melhor e mais a meu prazer veja o que ora vi; mas se nam poder seer, tomarei-me entam.

Em seguida, os demais

foram todo. ante el-rei e fizeram aquela promessa que fizera Galvam, e disserom que jamais nom quedariam de andar, ataa que vissem ataa mesa e tam saborosos manjares e atam guisados, como eram aqueles que eles aquel dia comerom, se era cousa que lhes outorgada fosse, por afam e por trabalho que sofrer podessem.<sup>24</sup>

Depois disso, ouviram missa e fizeram o juramento definitivo, com as mãos postas sobre os Evangelhos (a *res sacra* institucionalizada por Carlos Magno), de jamais abandonar a “demanda”. Galvam, que já havia saído, não participou do cerimonial. É então que Galaaz recebe o escudo com a cruz vermelha, feita com o sangue de Josefes, filho de Josep Abaramatia. Está tudo pronto para alargada. Mas antes, chega um “homem velho” e previne:

Cavaleiros da Távola Redonda, ouvide. Vós havedes jurada a demanda do Santo Graal. E Naciam o ermitam vos envia dizer per mim, que nehu cavaleiro desta demanda nom leve consigo dona nem donzela, senam fará pecado mortal. E nom seja tal que i entre, se nam for bem menfestado, ca em tam alto serviço de Deus como este, nom deve entrar se nam for bem menfestado e bem comungado e limpo e purgado de tôdolos cajoões e de pecado mortal.<sup>25</sup>

Daí para a frente, a história é mais conhecida: depois de participar de numerosas “aventuras”, que vão derrubando pelo caminho os valorosos guerreiros de Artur — grande parte dizimada pela terrível Besta Ladrador ou pela fúria sanguinária de Galvam — só três, levados pela “nau de Salomão”, chegam a Corberic, onde está o Santo Graal: Boorz, Persival e Galaaz. A este último é concedida a graça de contemplar o Vaso em que José de Arimatéia colheu o sangue de Jesus, instante místico após o qual o “sergente de Cristo” é levado aos céus por uma “coorte de ângeos”; Persival morre e é enterrado numa ermida, enquanto Boorz retoma a Logres, a dar as notícias ao Rei Artur e a fazer-se ermitão.

Sem o Graal, o reino transforma-se na “terra desolada”, à mercê dos inimigos: traído por seu sobrinho Morderet, Artur é atacado por Rei Mars, da Cornualha, que destrói o pouco que resta, inclusive o próprio Rei. Depois de atirar, de volta ao lago, Excalibur, a espada sagrada

<sup>24</sup> Idem, p. 33.

<sup>25</sup> Idem, p. 43.

dos druidas, Artur é “levado” pela fada Morgaim e por várias outras donas, que o põem numa barca e desaparecem lago adentro. Quase no mesmo instante, Giflet, escudeiro do soberano, vai a uma ermida próxima, onde o ermitão lhe diz estar enterrado Artur, cujo corpo fora há pouco deixado ali por umas “donas”. Mas, quando ambos abrem a campa, ela está vazia e dentro só tem o elmo do Rei. Pela boca de Giflet sela-se o mistério, fecundando para sempre a “matéria de Bretanha”:

em vão me trabalharei de preguntar como rei Artur morreu. Verdadeiramente este é o rei aventureiro, cuja morte nenhum homem nem saberá; e bem disse el verdade, que assi como el veio ao reino de Logres per ventura, assi se foi em per ventura.<sup>26</sup>

Apesar de não dar conta da complexidade da obra, o sumário permite-nos esclarecer alguns pontos essenciais, quer para a compreensão de episódios que sobressaem dos demais pela intensidade dramática, quer para a avaliação mais consistente da visão de mundo que a Demanda tão superiormente alegorizou.

---

<sup>26</sup> Idem, v. II, p. 471-472.